



**CORPOS, MÚSCULOS E FEMINILIDADES**

Angelita Alice Jaeger<sup>1</sup>

**RESUMO**

*Focalizando a temática de gênero, corpo, esporte e mulheres, busquei apoio teórico nos Estudos Gênero, Culturais e do Corpo para responder as seguintes questões: Que corpos emergem no fisiculturismo? Que feminilidades constituem e são constituídas nesse esporte? Que enunciados emergem desse campo esportivo? Como se posicionam as atletas acerca dessas questões? Movida por essas indagações analisei a construção dos corpos e as representações de feminilidades que são produzidas e produzem o fisiculturismo, enunciadas no discurso esportivo e nas narrativas das atletas. As informações foram colhidas em livros, revistas, jornais e sites. Também, entrevistei uma atleta e assisti campeonatos. As análises apontam que o esporte exige a construção de distintas arquiteturas corporais, consoante às modalidades disputadas e as feminilidades produzidas no fisiculturismo são plurais, borrando as representações que fixavam um modo normalizado e universalizado de produzi-las. As atletas assumem e reafirmam que certo volume muscular não esfumaça as suas feminilidades e, muitas delas, investem na produção de uma toalete requintada para as disputas nos campeonatos, indicando que ainda buscam suavizar aquilo que o volume muscular insiste inquietar.*

**Palavras-chave:** corpo, feminilidade, esporte, fisiculturismo

**BODY, MUSCLE AND FEMININITY**

**ABSTRACT**

*Focusing on the theme of gender, body, sport and women I sought theoretical support on the Studies in Gender, Culture and Body to answer the following issues: Which bodies emerge in bodybuilding? Which femininities constitute or are constituted in this sport? Which statements emerge from this field of sports? How do female athletes position themselves in these issues? These questions motivated me to discuss the construction of bodies and representations of femininities that are produced and produce bodybuilding, as listed in sport discourse and narratives of the female athletes. Data were collected in books, magazines, newspapers and websites. I have also interviewed a female athlete and watched some championships. Analyses show that the sport requires the construction of separate body architectures, depending on the styles performed. Moreover, the femininities produced in bodybuilding are plural, blurring the representations which set a standardized and universalized way to produce them. The female*

<sup>1</sup> Profa. Dra. do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria. Este artigo constitui parte da tese defendida em 2009 no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, orientada pela Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



*athletes assume and reassure that certain muscle volume does not hide their femininities and many of them invest in producing refined makeup to dispute the championships, indicating that they seek to soften what the muscle volume insists on disquieting.*

**Keywords:** *body, femininity, sport, bodybuilding*

## CUERPOS, MÚSCULOS Y FEMINIDADES

### RESUMEN

*Focalizando la temática de género, cuerpo, deporte y mujeres, busque apoyo teórico en los Estudios de Género, Culturales y del Cuerpo para responder a las siguientes cuestiones: ¿Qué cuérpos emergen en el fisiculturismo? ¿Qué feminidades constituyen y son constituidas en ese deporte? ¿Qué enunciados emergen de ese campo deportivo? ¿Cómo se posicionan las atletas a cerca de esas cuestiones? Movida por estas preguntas, analicé la construcción de los cuerpos y las representaciones de feminidades que son producidas y producen el fisioculturismo, enunciadas en el discurso deportivo y en las narrativas de las atletas. Las informaciones fueron colectadas en libros, revistas, diarios y sites. También, entrevisté una atleta y asistí campeonatos. Los análisis apuntan que el deporte exige la construcción de distintas arquitecturas corporales, según las modalidades disputadas y las feminidades producidas en el fisioculturismo son plurales, borrando las representaciones que fijaban un modo normalizado y universalizado de producirlas. Las atletas asumen y reafirman que cierto volumen muscular no esconde sus feminidades y, muchas de ellas, invierten en la producción de un maquillaje elaborado para las disputas en los campeonatos, indicando que todavía buscan suavizar aquello que el volumen muscular insiste inquietar.*

**Palabras-claves:** *cuerpo, feminidad, deporte, fisioculturismo.*

### A constituição do estudo

No contexto das práticas corporais e esportivas, muitas mulheres ousaram e ainda ousam escapar aos limites que social e culturalmente foram edificados. Corajosamente elas derrubaram barreiras e transpuseram limites históricos que as impediam, dificultavam ou silenciavam proezas que marcavam as suas vidas ao lançarem-se ao mundo esportivo. Suas ousadas e desobediências abriram brechas para que elas chegassem, em muitas modalidades esportivas, ao mesmo número de atletas homens. Todavia, ainda há muitos espaços, posições e modalidades a serem conquistadas e disputadas pelas mulheres nesse campo. Entre as muitas batalhas que enfrentam no esporte, uma delas chama a atenção em função das marcas que inscreve nos corpos femininos, este é o território da potencialização muscular. Lugar constituído pelos homens e para homens, espaço de afirmação das masculinidades, o campo do



fisiculturismo ainda é para as mulheres, um terreno de lutas, resistências e afirmação de suas possibilidades esportivas.

A espetacularização e a disseminação do culto ao músculo atravessam diferentes classes sociais, gerações, raças, sexos e culturas e diante das exigências contemporâneas, o músculo trabalhado, tonificado e volumoso assume uma posição central na construção de corpos cada vez mais elaborados e hipertrofiados. O investimento na potencialização muscular é denunciado em corpos cada vez mais expostos: roupas justas e/ou curtas, fabricadas em tecidos leves e/ou colados ao corpo, promovem a visibilidade dos contornos meticulosamente fabricados. Entretanto, robustez muscular não é uma inscrição unânime ou mesmo isenta de interrogações e/ou temores. Dúvidas e inquietações emergiram e ainda despontam, quando a musculação e, principalmente, o fisiculturismo<sup>2</sup> são praticados pelas mulheres. Preocupações em relação à possibilidade de extrapolação do volume muscular são mencionadas em livros, artigos e nos discursos que advém do contexto esportivo. Por vezes, o volume dos contornos musculares assume tons proibitivos, no mínimo receosos, quando as mulheres desconfiam que a sua feminilidade possa produzir representações duvidosas e ser colocada em questão.

Ao construir contornos corporais com volumes musculares diferenciados, as atletas capturam e desassossegam olhares, razão pela qual são chamadas a investir em atributos que busquem garantir aquilo que os seus audaciosos corpos teimam em desestabilizar, ou seja, esses corpos volumosos desacomodam a feminilidade normalizada e apontam para as feminilidades inscritas no plural. Nesse emaranhado de representações, atributos, valores e comportamentos emergem as seguintes questões: Que *designs* corporais emergem no fisiculturismo? Que feminilidades constituem e são constituídas nesse esporte? Que enunciados emergem desse campo?

Movida por essas indagações analisei as relações produzidas entre os diferentes contornos corporais e a potencialização muscular, atentando para representações de feminilidades despontadas nas falas e nas imagens de mulheres atletas do fisiculturismo brasileiro. Para perseguir os fios condutores que me permitiram entender essa temática, busquei sustentação teórica nos Estudos Culturais<sup>3</sup>, nos Estudos de Gênero<sup>4</sup> e na História do Corpo<sup>5</sup>. Esses aportes assumem o caráter político de suas teorizações, permitindo-me destacar a multiplicidade dos corpos potencializados e rejeitar a fixidez dos rótulos muitas vezes colados aos corpos dessas mulheres. Esses saberes assumem a incerteza e a dúvida em suas produções, trabalhando com a provisoriedade e com o mutante, constituindo-se um desafio para todos aqueles/as que buscam pesquisar nessas perspectivas, e mais, apontam para a possibilidade de que cada

<sup>2</sup> O fisiculturismo é uma modalidade esportiva que se sustenta no volume, definição e na simetria muscular. A vertente feminina é constituída de quatro modalidades produzidas a partir de diferentes níveis de potencialização muscular, visibilizados nas distintas arquiteturas corporais, a saber: *physique*, *figure*, *fitness* e *toned figure*.

<sup>3</sup> Estudos Culturais: buscam investigar as particularidades do contexto cultural, concebido enquanto um campo de lutas em torno da significação social, preocupando-se menos com definições unificadores e mais com os processos de produção cultural. Também se caracterizam por se oporem aos campos disciplinares, assumindo características interdisciplinares e transdisciplinares. Ver em: JOHNSON, R.; ESCOSTEGUY, A. C., SCHULMAN, N. IN: O que é, afinal, Estudos Culturais? Tomaz T. da Silva (org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<sup>4</sup> Os Estudos de Gênero que sustentam essa perspectiva tomam o esporte como um espaço generificado e generificador dos corpos de mulheres e homens (GOELLNER, 2003, 2007).

<sup>5</sup> A História do Corpo possui sua pertinência fundamentada em Mary Del Priore (1994), para quem “o corpo enquanto objeto da história esteve confinado às margens, às fronteiras, às zonas de sombra, às alcovas e aos cantos”. Entretanto, indagações contemporâneas em torno da saúde, do erotismo e do corpo têm trazido o tema à tona, despertando o interesse dos historiadores que se localizam na corrente historiográfica denominada Nova História.



estudo se constitua numa nova versão possível, com uma lógica própria, constituindo-se num modo ver e de olhar entre tantos outros possíveis.

As fontes de pesquisa desta investigação foram produzidas a partir de diferentes artefatos culturais, produzindo um trabalho minucioso e extenso, garimpando materiais oriundos de diferentes lugares que pudessem colaborar com a intenção do estudo e, tal qual uma detetive, saí em busca de pistas, pegadas, vestígios e sinais para produzir o material empírico. Comecei as buscas a partir de *sites*, onde colhi materiais valiosos compostos por textos e imagens que abriram inúmeros caminhos ao longo do trabalho. Identifiquei revistas que abordavam temáticas relacionadas à potencialização muscular e a disseminação da prática da musculação. Por fim, entrevistei uma atleta brasileira que compete na modalidade *figure* e assisti a campeonatos amadores de fisiculturismo promovidos no Rio Grande do Sul. Nesse trajeto encontrei textos, reportagens, imagens, entrevistas, biografias e relatos que constituíram as fontes desta investigação.

Da conversação entre textos e imagens, percorrendo dizibilidades e visibilidades que despontavam no material, busquei dialogar com as diferentes fontes e apoios teóricos, elaborando diferentes combinações, fazendo aproximações, reorganizando o material até a exaustão. Observando as afirmações, as insistências e as dissonâncias despontadas no campo discursivo do fisiculturismo, produzi um conjunto de enunciados acerca da construção dos *designs* corporais, da potencialização muscular e da produção de feminilidades no fisiculturismo brasileiro.

### *Design*<sup>6</sup> corporal

A exibição dos corpos femininos no fisiculturismo exige a aprendizagem de um minucioso processo que implica conhecer cada milímetro da musculatura potencializada, buscando utilizar gestos, movimentos, expressões e contrações musculares que melhor visibilizem os contornos de cada feixe de fibras musculares, minuciosamente fabricados no período de preparação para as competições. Como bem lembra Carmen Soares (2003, p. 16), “

Para ser exibido, o corpo precisa ser educado, e esta educação percorre caminhos múltiplos e elabora práticas contraditórias, ambíguas e tensas. Educar o corpo para ser exibido significa prescrever, ditar, aplicar fórmulas e formas de contenção, tanto de necessidades fisiológicas – contrariando, assim, a “natureza” –, quanto de velhos desejos. São distintos atos de conhecimento e não apenas a palavra o que constitui esta educação diuturna e intermitente.

Esse excerto auxilia a pensar que a construção da atleta do fisiculturismo, em qualquer modalidade, exige um duplo investimento na educação corporal. É preciso, primeiramente, aprender os processos que envolvem a construção da potencialização muscular – por exemplo, aprender os movimentos utilizados nos aparelhos de musculação para exercitar cada músculo; e uma segunda etapa envolve a gestualidade que faz o músculo aparecer e que, por sua singularidade, identifica o esporte.

<sup>6</sup> Podemos compreender o termo “*design*” como o padrão, o modelo de referência, com medidas e peso determinados.



Essas duas etapas constituem um mesmo processo e se complementam, pois de nada adianta produzir o músculo se ele não for mostrado da melhor maneira possível.

Essa dupla aprendizagem marca fortemente os corpos e produz sobre eles diferentes representações, visto que os desenhos musculares também são distintos. LOURO (2004, p. 83) afirma que “é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. Assim, os corpos são marcados social, simbólica e materialmente – pelo próprios sujeitos e pelos outros”. Isso implica considerar que o músculo marca o corpo, mas marca de diferentes modos, posicionando as mulheres em diferentes lugares, tomando como indicador o seu volume muscular. Nessa perspectiva, algumas mulheres potencializam ao máximo a sua musculatura, outras delicadamente definem os seus contornos, há aquelas que moderadamente produzem os seus músculos, e ainda algumas desejam certo tônus muscular. Esses projetos musculares produzem adjetivações que identificam os corpos femininos como: hipermusculosas, bombadas, saradas, masculinizadas, malhadas, excessivas, gostosas, principiantes, tonificadas, impactantes, entre outras.

A adjetivação inscrita nos corpos envolve os processos e as práticas discursivas que são postas em circulação numa dada cultura e fazem com que o volume muscular se converta, em relação ao lugar que ocupa no esporte ou fora dele, em algo inacabado, adequado, moderado e excessivo. Além disso, identificar algumas das mulheres que investem no crescimento muscular é uma das possibilidades de apontar que o corpo é um rascunho, um projeto, uma arquitetura provisória e maleável na qual inscrevemos aquilo que nos captura e subjetiva, ainda que momentaneamente, num determinado tempo e lugar. Olhando a multiplicidade de corpos produzidos no fisiculturismo feminino, percebemos que não há corpos iguais, assim como não há uma essência feminina ou um único modo de exibir os contornos musculares. Olhar para as distintas arquiteturas corporais, artesanalmente potencializadas no fisiculturismo, exigiu percorrer as singularidades desses corpos atentando para a intimidade de cada modalidade, esmiuçando os seus detalhes em busca de semelhanças, diferenças, rupturas, transbordamentos e comedimentos.

Nesse contexto, apresento as peculiaridades do esporte levando em conta o aumento do volume muscular exigido pelas modalidades em particular. Assim, parto dos corpos com volumes musculares comedidos e levemente delineados, passando por aqueles fortemente marcados pela robustez dos contornos musculares, finalizando na escala máxima em que os contornos corporais exigidos são superlativos. Considerando esse trajeto, apresento a denominação e os contornos corporais de cada modalidade, respeitando a hierarquia esportiva utilizada pela NABBA/Brasil<sup>7</sup> e, também, pela CBCM<sup>8</sup>, respectivamente: *toned figure/miss biquíni wellness*, *fitness/miss fitness*, *figure/body fitness* e *physique/culturismo*.

A modalidade *toned figure* ou *miss biquíni wellness* é a mais recente, visto que seus registros ainda são escassos e indicam que emergiu em competições realizadas na Europa, principalmente na Alemanha e Inglaterra. Foi pensada e instituída com o propósito de interpelar o maior número de mulheres<sup>9</sup> que freqüentam aulas de musculação numa academia, mas ainda não produziram e talvez nem

<sup>7</sup> Federação Brasileira de Musculação.

<sup>8</sup> Confederação Brasileira de Culturismo e Musculação.

<sup>9</sup> A CBCM criou também o *body shape* para os homens que se encontram nas mesmas condições que as mulheres, ou seja, adeptos da musculação que construíram músculos visíveis e baixo percentual de gordura, porém ainda não aderiram aos treinamentos que objetivam a produção de atletas.



desejem construir um design corporal projetado para disputar competições de *fitness*, *figure* ou *physique*, como vemos no fragmento reproduzido abaixo:

Uma categoria para o crescente público feminino das academias. Um corpo malhado, saudável, com visual bem feminino e bom tônus muscular. No palco, a mulher que se cuida praticando atividade física poderá exibir a boa forma conquistada com musculação, sem apresentar a definição e o volume muscular mais acentuado das atletas *Figure*<sup>10</sup>.

O excerto aponta ainda que os contornos corporais desenhados pelas atletas dessa categoria mais afirmam do que questionam, mais normalizam do que põem sob suspeição os corpos femininos potencializados. Nessa modalidade, caberia posicionar aquelas mulheres que freqüentam, quase diariamente, sessões de musculação para hipertrofiar a musculatura das coxas, pernas e nádegas, dedicando-se a apagar todas as marcas de gordura do abdômen, preocupando-se com o volume dos seios, com a aparência da pele, unhas e cabelos (HANSEN & VAZ, 2006). Assim, esse *design* do corpo parece ter recuperado a representação que emergiu lá no início dos anos 80, quando aconteceram as primeiras competições de fisiculturismo nos EUA. Essas referências estão, em alguma medida, atualizadas, uma vez que os interesses que moviam aquelas mulheres não são os mesmos que hoje as impulsionam a intervir em seus corpos.

Os discursos que circulam no fisiculturismo sobre o *fitness* ou *miss fitness* apresentam e constituem superficialmente essa prática corporal esportivizada. Indicam que foi nos EUA no ano de 1984, que Wally Boyko propôs essa modalidade por ter percebido que eram escassas as oportunidades de competição direcionadas às mulheres: havia os concursos de Miss, alguns em que as mulheres se apresentavam de biquíni nas praias e aqueles campeonatos em que a força muscular feminina era o centro da competição. Ao misturar esses três modos de exibir o corpo, Boyko produziu o *fitness*. Apontam as fontes<sup>11</sup> que as primeiras provas consistiam de desfiles em trajes de gala, quando as mulheres se dirigiam ao público falando ao microfone. Havia ainda provas de resistência com obstáculos; ao som de uma música, as participantes também apresentavam uma coreografia com elementos de equilíbrio, força e flexibilidade. Por fim, os contornos corporais das mulheres eram avaliados. O que singulariza o *fitness* é a inserção de movimentos que incidem sobre a aptidão física, afastando-o e diferenciando-o das modalidades que exclusivamente se apóiam na visibilidade do músculo potencializado.

O *design* corporal fabricado nessa modalidade aponta que a sua medida e se produz em relação ao *figure* se admitirmos uma taxionomia apoiada na mensuração das formas. A justa medida e a busca pelo corpo perfeito associada à *performance* atlética, orientam as atletas na construção dos seus corpos, como vemos a seguir:

[O objetivo] do *fitness* é selecionar a perfeição do corpo feminino em termos de aptidão física para o desempenho atlético, boa configuração, proporcionalidade, musculatura moderadamente definida e com volume compatível<sup>12</sup>.

A noção enunciativa que emerge dos discursos que instituem essa modalidade sugere, em diferentes momentos, que a sua constituição se dá em função de estreitos limites marcados por uma ténue

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.nabba.com.br/toned.asp>, capturado em: 15/06/2008.

<sup>11</sup> Fontes disponíveis em: [www.nabba.com.br](http://www.nabba.com.br) e [www.cbcm.com.br](http://www.cbcm.com.br), capturadas em 23/08/2005.

<sup>12</sup> Fonte: [www.jmfbrasil.com.br/arbitragem.asp](http://www.jmfbrasil.com.br/arbitragem.asp), capturado em 12/06/2008.



linha posicionada no centro daquelas medidas, produzindo distintas configurações corporais, ou seja, cada modalidade produzida no fisiculturismo requer determinados contornos corporais, ora salientes, ora comedidos, ora sutilmente delineados. Ao se constituir nesse lugar, o *fitness* é produzido em meio aos limites que são ajustados em favor da moderação, do equilíbrio e dos adequados contornos corporais. Nada a mais e nada a menos, essa noção atravessa e constitui a categoria.

Em relação às competições de *figure* ou *body fitness*, indicam as fontes de pesquisa que a modalidade foi introduzida no Brasil em 2002, mas desde 1986 as disputas acontecem nos campeonatos internacionais promovidos pela NABBA. Sua emergência possui uma íntima relação com os corpos produzidos no fisiculturismo feminino no decorrer das décadas de 80 e 90, cujo volume exagerado desagradou algumas atletas. Assim, a possibilidade de competir em outra modalidade abriu espaços para ampliar o interesse e acesso destas atletas ao esporte.

Analisando as imagens colhidas nos artefatos culturais produzidos no interior do fisiculturismo, observa-se que as mesmas não deixam dúvidas de que se trata de corpos de atletas. Assim como na categoria que a antecede, o foco da *figure* está na potencialização muscular, mas a sua arquitetura corporal é construída e matematizada em função daquela produzida no *physique*, ou seja, a modalidade *figure* deve privilegiar um corpo em que:

A ênfase deve ser dada à forma e proporção feminina, enquanto treinada e com moderado nível de gordura, não podendo levar a definição ao extremo. A atleta não deve ter o grau de desenvolvimento, definição, separação e estriação de uma competidora do *physique* feminino. As brasileiras que desenvolveram os suaves contornos da musculatura sem exagero praticando musculação nas academias agora poderão competir. O *figure* está destinado a ter um brilhante futuro neste país de mulheres belas, que cultivam hábitos saudáveis e a perfeição do corpo<sup>13</sup>.

Em outras palavras, as mulheres precisam mostrar músculos potencializados que não podem ser tão volumosos, nem tão estriados quanto os requisitados na modalidade *physique*. Na *figure*, os discursos que reforçam a manutenção da feminilidade são insistentes. Tais discursos afirmam que, ao ser trazido ao Brasil, essa modalidade trouxe também novos ares e possibilidades ao fisiculturismo feminino ao capturar atletas e ampliar a inserção das mulheres no esporte, com isso movimentando a organização do campo esportivo.

Os enunciados que atravessam esses excertos apontam que a representação de corpo na *figure* se afasta da ideia que relaciona a perfeição dos contornos corporais e o seu delineamento marcado antecipadamente no desenho genético de todas as mulheres, para se aproximar da noção de que o corpo que esse esporte deseja é um corpo produzido detalhadamente por meio de exercícios de musculação, construído pela minuciosa intervenção em cada milímetro corporal em que houver fibras musculares que possam ser potencializadas. Afinal, os músculos não serão visíveis se não passarem por um processo de intumescimento, seja através de exercícios específicos e detalhados, ou mesmo em atividades cotidianas<sup>14</sup> que envolvam alguma sobrecarga muscular.

<sup>13</sup> Fonte: [www.nabba.com.br](http://www.nabba.com.br) capturado em 19/05/2005.

<sup>14</sup> Dificilmente os músculos serão desenvolvidos com tamanha precisão em qualquer outro esporte e atividade de trabalho como acontece no fisiculturismo, onde cada músculo é requisitado e minuciosamente trabalhado. Se observarmos o corpo de uma ginasta ou o de uma mulher agricultora que tem atividades rotineiras que envolvem força e potência muscular, também



A última modalidade apresentada é denominada *physique* ou culturismo e é disputada pelas mulheres que possuem os corpos mais volumosos do fisiculturismo. Muitas atletas consideram-na o topo do esporte, uma vez que são necessários muitos anos de treinamento e investimentos de todos os tipos para produzir o *design* corporal exigido; outras tomam essa modalidade como representação de uma construção extrema, indesejável e exacerbada do volume muscular.

As regras e procedimentos que enunciam essa modalidade aparecem discretamente nas fontes analisadas. Mais precisamente, foi no *site* da NABBA/Internacional e no da CBCM que encontrei algumas pistas que posicionam a categoria *physique* no mesmo território do fisiculturismo masculino, razão pela qual a primeira é julgada a partir de critérios semelhantes aos utilizados no segundo, ou seja, as mulheres são avaliadas em relação ao volume, à definição, à proporção e à harmonia dos contornos corporais. Um dos exíguos excertos encontrados nas fontes sugeriu:

A ênfase precisa ser nos contornos femininos, sem o volumoso desenvolvimento muscular desejável no masculino. São desejáveis o balanceado desenvolvimento e separação muscular, mas não precisa ser carregado ao extremo o que representaria um físico assexuado ou competitivo em termos igualitários com o fisiculturista masculino<sup>15</sup>.

Ao fazer o material empírico dialogar, nota-se dissonâncias em relação aos critérios que avaliam a modalidade e aquilo que as normas sugerem como adequado e desejável para produzir corpos femininos ajustados às novas<sup>16</sup> orientações esportivas. Advindos da vertente masculina, os critérios são submetidos a uma nova representação, uma vez que as medidas que eles significam nas competições masculinas perdem em intensidade quando aplicadas nas avaliações em provas femininas. Para eles, vale o máximo, o volumoso, o superlativo; para elas, vale o equilíbrio, a contenção, a medida certa.

No interior do esporte, o rastro dos efeitos produzidos pelos corpos das atletas pode ser medido em função dos lugares que ocupam nos campeonatos de que participam, pela admiração, palmas, elogios, assovios e galanteios que recebem no momento em que se exibem num palco e também pelo número de alunos e atletas que orientam nos trabalhos de *personal trainer*. Fora do contexto esportivo, seus músculos inquietam, misturam e rasuram algumas representações historicamente produzidas acerca do feminino.

### **Músculo e feminilidade**

O fisiculturismo, como prática esportiva, constitui-se como um espaço generificado e, ao mesmo tempo, generificador de discursos, práticas e representações que posicionam, classificam e nomeiam os sujeitos atletas mulheres e homens. Bolin (2001) menciona que, desde a emergência dos primeiros campeonatos de fisiculturismo feminino na década de 1970, as mulheres atletas já viviam dilemas que

---

veremos uma musculatura potencializada. O que as aproxima é a potencialização muscular, e o que as diferencia é o minucioso processo de detalhamento de cada grupo muscular.

<sup>15</sup> Fonte: Disponível em [www.worldfitnessfederation.de/nabba/frame1/na\\_int3.html](http://www.worldfitnessfederation.de/nabba/frame1/na_int3.html), capturado em: 10/05/2008.

<sup>16</sup> Em dezembro de 2004 a IFBB determinou que as atletas de fisiculturismo diminuíssem em 20% o seu volume muscular. Essa exigência passou a vigorar nas competições nacionais e internacionais, tornando-se visível na diminuição do volume muscular dos corpos das atletas em todas as modalidades femininas desse campo esportivo.



envolviam a tonificação da potencialização muscular e a produção de uma dada feminilidade, sendo constantemente assombradas pelo perigo da masculinização, que ameaçava as representações e as posições de sujeito que ocupavam os seus corpos potencializados, tanto no esporte quanto fora dele.

Em diferentes momentos da cena esportiva, as mulheres fisiculturistas posicionavam-se a favor da potencialização dos seus corpos, ao mesmo tempo em que defendiam sua feminilidade. Lisa Lyon afirmou em 1979 que: “a mulher pode ser forte, musculosa e ao mesmo tempo feminina”. Tal discussão ainda se mantinha pulsante em 1998, quando a Ms. Olympia Kim Chizevsky declarou: “as pessoas precisam começar mudando suas visões sobre a mulher fisiculturista. Nós somos mulheres musculosas, mas nós também somos mulheres bonitas e femininas” (BOLIN, 2001, p. 149). Essa discussão acalorada não ficou restrita ao século passado, sendo renovada com outras tintas e novos tons quando Bill Dobbins apontou, em um dos seus artigos, que o fisiculturismo enunciava outros modos de representar o que era “atraente, sexy e feminino nos corpos das mulheres” (2004, p. 01). Dizia ainda que a grande maioria das pessoas não percebia essas transformações culturais porque essas representações marcavam somente a elite do fisiculturismo feminino moderno. No entanto, no final daquele ano, adveio da instituição que estrutura o fisiculturismo mundial uma declaração endereçada às atletas de *physique, figure e fitness*, exigindo que elas diminuíssem seu volume muscular – duro golpe para aqueles que, como Dobbins, cultivavam a ideia de que essas mulheres poderiam alargar de modo ilimitado as representações construídas acerca de seus corpos e de suas feminilidades no esporte.

Esse feixe de enunciados sugere que as atletas de fisiculturismo colocavam em dúvida uma “imagem ideal de ser mulher”, ao mesmo tempo em que “pareciam desestabilizar um terreno criado e mantido sob o domínio masculino e cuja justificativa assentada na biologia do corpo e do sexo deveria atestar a superioridade deles [homens] em relação a elas” (GOELLNER, 2004, p. 363). Os volumosos corpos de algumas dessas mulheres desassossejavam representações dominantess de feminilidade. Dessas tensas relações, desponta a recusa e a interdição à potencialização muscular feminina ilimitada.

A partir de 2005, as atletas são convocadas a fazer sobressair, afirmar e reafirmar em seus corpos os códigos convencionais de uma dada feminilidade. Ameaçadas de perderem pontos em suas disputas se não inscrevessem a pretensa verdade indubitável do seu sexo nos seus corpos, as atletas são coagidas a enfraquecer o volume muscular. Nesse processo, potencializam a definição dos contornos de cada músculo e, sobretudo, investem no requinte da toalete para a exibição pública, que a cada ano se produz mais sofisticada e abrangente. Isso porque os cuidados meticulosos com a aparência atingem todas as modalidades femininas do fisiculturismo, exigindo que as atletas se esmerem mais e mais em apagar a ambiguidade dos seus corpos, acentuando os atributos que constituem uma feminilidade normalizada. Se, naquela época, a determinação da IFBB constituía-se aqui no Brasil como um horizonte distante, nos Estados Unidos, ela já estava em plena ação, visto que as atletas não se preocupavam somente com a potencialização muscular em suas disputas. Elas também reservavam espaços para que cabeleireiros e maquiadores acentuassem na sua exterioridade os traços, as cores e as características de uma dada feminilidade, discursivamente construída a partir das representações dominantes que indicam como se apresenta uma “verdadeira mulher”.

Esses investimentos possuem uma íntima relação com os lugares ocupados pelos sujeitos em sociedade, uma vez que, ao longo do tempo, homens e mulheres vêm sendo classificados, nomeados e definidos pela “aparência dos seus corpos; a partir de padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (LOURO, 2004, p. 75). Atendendo às exigências e ameaças da instituição esportiva, com o



tempo, as atletas vêm intensificando a incorporação de uma representação padronizada e pretensamente segura de sua feminilidade e acoplando-lhe novos detalhes.

A feminilidade que emerge como fonte de representação que interpela e captura com mais ou menos intensidade as mulheres fisiculturistas é aquela que se posiciona e é posicionada como a referente em nossa cultura. É a que aparece circulando em múltiplos artefatos culturais, cujas imagens produzem modos de ser e parecer, indicando que as normas de feminilidade emergem cada vez mais intrincadas com a superfície daquilo que parece ser feminino. Em outras palavras, “julga-se o quão feminina é uma mulher também pela exterioridade do seu corpo” (GOELLNER, 2003, p.123).

Nesse sentido, nada mais convencional do que valer-se de uma toailete cada vez mais aprimorada, investindo na cosmetologia do corpo – com atenção especial à maquiagem da face e à tonalização da pele do corpo –, na preparação dos cabelos, nos trajes e demais adereços. Também na composição da exibição, principalmente, na coreografia individual, acentua-se cada vez mais a sensualidade e a beleza das mulheres. Esse conjunto de investimentos sugere uma tentativa de produzir uma hiperfeminilidade normalizada das atletas. Entretanto, não estou afirmando que todas as atletas reagem e aderem do mesmo modo a essas práticas e intervenções. Insisto que esse enunciado atravessa a constituição da exibição dos corpos no fisiculturismo, posicionando as atletas na hierarquia esportiva, interpelando-as e fazendo com que algumas delas incorporem e extravasem completamente essas referências, que outras as assumam em parte e que ainda outras as ignorem. Em suma, essas distintas adesões possibilitam-me apontar que há múltiplas feminilidades produzidas no fisiculturismo, mas sugiro que muitas atletas têm aderido à cosmetologização dos seus corpos, meticulosamente preparando sua apresentação pública.

Esses cuidados extremados com a aparência parecem, muitas vezes, dissonantes de uma situação esportiva em que o volume, a definição e a simetria corporal são pontuados. Além disso, a beleza facial não se constitui num requisito determinante, embora possa partilhar da avaliação geral da atleta. Examinando esse peculiar contexto esportivo, penso que, em muitas competições, cada vez conta menos a potencialização muscular e mais se avalia a reafirmação das representações da feminilidade normalizada, pois essas estratégias estão naturalizadas como constituintes do universo feminino.

Goellner (2006, p. 02) aponta que as mulheres muitas vezes são estimuladas a participar do “espetáculo esportivo, desde que não deixem de lado a beleza e a graciosidade, atributos colados a uma suposta ‘essência feminina’”. No caso do fisiculturismo feminino, esses atributos assumem uma dimensão ainda não vista em outras modalidades esportivas, e acentuá-los constituiu-se parte da produção dos corpos para fazerem o espetáculo. As análises que produzi apontam que está em processo de constituição um novo centro, cujo foco mistura a potencialização muscular e a hiperfeminilidade normalizada, produzida em meio a músculos, maquiagem, cabelos arrumados, corpos cuidadosamente tonalizados e unhas pintadas. Assim, é possível dizer que, quanto mais os corpos femininos potencializados saem do centro e da referência, movimentando-se para as margens, mais intensos e amplos são os investimentos no sentido de remetê-los novamente ao centro.

Além de todos os investimentos mencionados, outros elementos, como joias ou bijuterias e a pedraria dos trajes, estão cada vez mais acentuados em tamanho e número na produção das atletas. São adereços para os cabelos, orelhas, punhos e dedos e, além desses enfeites, muitas delas ainda utilizam cordões, gargantilhas, *piercing*, braceletes e tornozeleiras. Esse conjunto de adereços está ganhando cada vez mais atenção na minuciosa escolha da composição da aparência das atletas, destacando-se nos seus corpos. Se o músculo pode produzir dúvidas acerca do sexo, pois são os sinais exteriores que identificam os sujeitos, nada mais produtivo do que insistir e acentuar os outros componentes da aparência, uma vez



## IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

que “o gênero adquire vida através das roupas que cobrem o corpo, dos gestos, dos olhares, de uma estilística corporal e estética definida como apropriada” (BENTO, 2003, p. 03).

Ao potencializarem ao máximo os seus músculos, algumas mulheres infringem as normas e, nessa lógica, produzem-se como sujeitos desviantes, cujos corpos volumosos perturbam e ameaçam as representações de feminilidade que estão no centro da cultura e também do próprio fisiculturismo. Quando outras feminilidades passam a ser admitidas e posicionadas como sujeitos, mais do que colocar em suspeição a representação primeira, produz-se uma mobilização que desacomoda todo um sistema de valores, e “o que passa a ser questionado é toda uma noção de cultura, ciência, arte, ética, estética, educação, que, associada a esta identidade, vem usufruindo, ao longo dos tempos, de um modo praticamente inabalável, a posição privilegiada em torno da qual tudo gravita” (LOURO, 2003, p. 42).

Estas últimas palavras indicam que os discursos que enunciam a normalização dos corpos das mulheres são recrutados para abrandar a ameaça da anormalização desses mesmos corpos quando muscularmente potencializados; como efeito, espera-se evitar o perigo de uma suposta masculinização e das dúvidas sobre suas identidades. Tal perigo toma forma e amedronta quando assumimos representações de feminilidade uníssona e produzida a partir de uma suposta essência feminina, vinculada ao determinismo biológico inscrito na anatomia dos corpos. Contudo, importa destacar que, apesar de os discursos e práticas colocarem o volume muscular feminino sob constante suspeição, tanto no próprio esporte quanto fora dele, ainda assim, as mulheres ousaram borrar as fronteiras da muscularidade, indicando o quão elásticas são as construções dos seus limites.

Ao analisar a construção das diferentes feminilidades que o fisiculturismo produziu em sua recente história, percebo que está em curso uma tentativa de atenuar a potencialização muscular feminina, produzindo corpos ajustados aos discursos e representações que assumem o músculo num corpo de mulher, desde que ele seja comedido, e mais, que o seu invólucro chame mais atenção do que ele. Isso significa dizer que a preparação dos cabelos, a maquiagem, os cuidados com as unhas, o tom da pele, os trajes em cores e os bordados destacados, os brincos, os anéis, as pulseiras, os saltos altos e os gestos precisam sobressair-se ao músculo; no mínimo, precisam deixar esses corpos marcados pelo uso excessivo de artifícios que sugerem a construção de uma hiperfeminilidade normalizada.

\*\*\*

Estudar a potencialização muscular feminina em textos e imagens colhidos em diferentes artefatos culturais produzidos num campo esportivo marcadamente masculino representa mergulhar num contexto assinalado por disputas, interdições e silenciamentos femininos, mas também atravessado pelas resistências e lutas de muitas mulheres que borrar fronteiras e transbordam os limites produzidos em função da sua constituição corporal. As mulheres que competem nas diferentes modalidades do fisiculturismo afirmam e reafirmam, no seu próprio corpo, o desmoronamento das distinções, hierarquias e classificações entre mulheres e homens ancoradas nas diferenças biológicas. Ao intervirem nos seus corpos e produzirem diferentes *designs* corporais, elas comprovam que, tanto hoje quanto ontem, o corpo não é um destino, tampouco uma linha divisória e um território limitante, mas uma possibilidade, uma escolha e um projeto passível de distintas intervenções e transformações.

Sobre os corpos, incidem discursos e representações produzidos pela instituição esportiva que pressionam e interpelam as atletas para que elas inscrevam e acentuem em si uma feminilidade



normalizada, lançando mão de uma toailete requintada que beira ao exagero e sugere uma produção superlativa de uma dada feminilidade. Apesar desses investimentos, essas mulheres afirmam e reafirmam em seus corpos, não um modo de ser feminina, mas distintas possibilidades de ser e viver as feminilidades. Mesmo desejando inscrever nas suas arquiteturas representações naturalizadas do que parece ser próprio das mulheres, elas produzem justamente o dismantelamento dessa suposta essência feminina. Embora não se posicionem como sujeitos de suas ousadias, as atletas da potencialização muscular acenam e marcam nos seus corpos uma multiplicidade de modos e jeitos de se constituírem e parecerem mulheres.

Nos artefatos culturais visitados, a análise de imagens e textos sugeriu que os designs corporais foram e são exibido tal qual uma instalação artística. Os corpos, muitas vezes revelados nos mínimos detalhes, parecem desconcertar a matemática das suas formas, constituindo-se no próprio espetáculo. Em síntese, parece que essa acalorada discussão é constantemente alimentada no interior do fisiculturismo e não deixa de vazar para as outras instâncias sociais.

### Referências bibliográficas

- BENTO, Berenice. Transexuais, corpos e próteses. IN: **Labrys: Estudos Feministas**, n. 4, ago/dez 2003. Disponível em: [www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm](http://www.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/berenice1.htm) capturado em 20/12/2005.
- BOLIN, Anne. Bodybuilding. IN: CHRISTENSEN, K.; GUTTMANN, A.; PFISTER, G. (Org.). **International encyclopedia of women and sports**. v. 1, New York: Macmillan Reference, 2001.
- DEL PRIORE, Mary. A história do corpo e a nova história: uma autópsia. IN: **Revista da USP**, São Paulo, n. 23, 1994.
- DOBBINS, Bill. **Women's Bodybuilding: A revolution in progress**. Disponível em: <http://www.bodybuilding.com/fun/billdobbins8.htm> Postado em 08/04/2004. Capturado em 20/05/2005.
- GOELLNER, Silvana. Mulheres, memórias e histórias: reflexões sobre o fazer historiográfico. In: GOELLNER, Silvana V.; JAEGER, A.A. **Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.
- \_\_\_\_\_. Entre o sexo, a beleza e a saúde: o esporte e a cultura *fitness*. IN: **Revista de Estudos Feministas**, dezembro de 2006.
- \_\_\_\_\_. Mulher e esporte no Brasil: fragmentos de uma história generificada. IN: SIMÕES, A. C. ; KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: Comportamento, gênero, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2003.
- JAEGER, Angelita A. Mulheres atletas da potencialização muscular e a construção de arquiteturas corporais no fisiculturismo. **Tese de doutorado** apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 237f.



\_\_\_\_\_. Quando o músculo entra em cena: fragmentos históricos da potencialização muscular feminina. In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. (Orgs.) **Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. IN: LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

SILVA, Tomaz T. **O que é, afinal, Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SOARES, Carmen L. Apresentação. IN: **Revista Pro-posições**. Faculdade de Educação UNICAMP, v.14, nº 2 (41), maio/ago, 2003.

Endereço:

Rua Gentil Maciel, 154 – apto 501

Bairro Dores – CEP: 97095190

Santa Maria, RS.

[angelufsm@yahoo.com.br](mailto:angelufsm@yahoo.com.br)

Recurso: datashow